

“Quando a Academia Vai à Escola...” - Práticas Educomunicativas na Extensão Universitária: Reflexões e Relatos de uma Experiência¹

Duílio FABBRI JR.²

Lucas Eduardo JERÔNIMO³

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), SP

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de um projeto de extensão universitária desenvolvido a partir dos fundamentos e propostas da educomunicação. Durante o ano de 2015, foram realizadas uma série de oficinas com professores de uma escola pública de Campinas, com o objetivo de oferecer subsídios para a implantação de atividades de leitura crítica da mídia e de novas tecnologias como ferramenta de aprendizagem. A experiência mostrou que, apesar das dificuldades dos professores, foi possível dar os primeiros passos nessa direção, a partir da criação de um site, de um blog, além da produção de vídeos e cartilha com informações sobre a temática.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; extensão; escola pública.

A EDUCOMUNICAÇÃO COMO PROPÓSITO E PARADIGMA

Este artigo apresenta os propósitos e procedimentos adotados para a realização de um projeto de extensão na Escola Estadual Adalberto Prado e Silva, pertencente à área de cobertura da Diretoria Regional de Ensino Leste de Campinas. Durante o ano de 2015 (entre fevereiro e dezembro), foi desenvolvido com professores dessa unidade e com coordenação do autor deste texto, o projeto de extensão “Reflexões Críticas sobre a Mídia no Processo de Educomunicação”. O objetivo deste trabalho é, além de apresentar os pressupostos teóricos que nortearam as atividades, expor resultados que permitam aferir a aplicabilidade da educomunicação em atividades de leitura crítica da mídia e na formação continuada de professores de Ensino Médio para o uso de novas tecnologias e textos midiáticos em geral como ferramenta de ensino.

O projeto se constituiu de nove oficinas, conduzidas pelo autor deste artigo e colaboração de dois bolsistas (um deles coautor deste trabalho), com a participação de cerca de 15 professores da referida escola, de várias disciplinas. Além das oficinas, foram

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Professor da PUC-Campinas, onde leciona no curso de Jornalismo e Design Digital, do qual é também diretor. Desenvolve plano de trabalho de extensão desde 2015 na mesma universidade. É mestre em Comunicação pela Faculdade Cásper Líbero e doutorando em Linguística pela UFSCar, email: duilio.fabbri@puc-campinas.edu.br

³ Aluno do curso de Jornalismo da PUC-Campinas. Bolsista de extensão na mesma universidade em 2015, email: lc-eduardo@hotmail.com

realizadas visitas a meios de comunicação e produzida uma cartilha sobre as atividades. Durante todo o processo, foi possível ainda verificar e registrar, como demonstrado neste texto, a aplicação dos conhecimentos trabalhados nas oficinas na prática docente.

O projeto partiu do ponto de vista da educomunicação. Acredita-se que aprender a ler imagens e textos midiáticos e a compreender os seus (possíveis) sentidos tornou-se habilidade necessária para desenvolver a capacidade de interagir com o mundo de forma consistente e consciente. Miranda (2013, p. 75) diz que “saber interpretar e produzir mensagens audiovisuais permite que o aluno deixe de ser apenas um receptor e passe a ser um produtor de sentido”. Dessa forma, podemos compreender que, à medida que se ensina a olhar, também se desenvolve a capacidade de lidar com os recursos, que vão além da oralidade, trazendo para si elementos da linguagem imagética.

De acordo com Soares (2011), provavelmente, o primeiro a utilizar o termo “educomunicação” tenha sido o argentino Mário Kaplún (1923-1998), em meados dos anos 70. No entanto, o termo só ganharia força a partir do ano 2000, com o surgimento dos primeiros cursos de pós-graduação e, depois, de graduação, ligados à Universidade de São Paulo (USP), e intitulados de “educomunicação”. Soares (2011) coloca que a educomunicação é “um conjunto de ações voltadas a criar e a desenvolver ambiências favorecedoras do diálogo social, mediante um conjunto de ações em vários subcampos: a educação para a comunicação; a mediação tecnológica, a expressão comunicativa, a pedagogia da comunicação e a gestão de processos comunicativos” (2011, p. 12). Ormanze (2014) reforça que um trabalho educucomunicativo tem duas frentes: preparar para a mídia e pela mídia, ou seja, deve envolver um trabalho de reflexão e também de ação para o uso das ferramentas midiáticas pelos sujeitos envolvidos.

As práticas educucomunicativas, ainda que remotamente não recebessem esse nome, desenvolveram-se na América Latina a partir dos anos 1970, principalmente com as contribuições teóricas advindas de Kaplún e do colombiano Jesús Martín-Barbero, que entendem a educação como um processo de mediação.

As mediações referem-se às apropriações, ressignificações e recodificações particulares aos receptores. Outra assunção importante é que a produção, recepção, meio e mensagem só podem ser pensados como um processo contínuo – as mediações – posição de onde é possível compreender o intercâmbio entre produção e recepção. A mediação integra cultura e comunicação na processualidade do cotidiano, é a cultura vivida em sua dinamicidade comunicativa. (BASTOS, 2008, p. 86).

A educomunicação, nesse sentido, surge como um campo de interface entre a comunicação e a educação, respeitadas suas especificidades, mas que se interpenetram. Ormaneze (2014) acredita que, ao oferecer subsídios para a leitura crítica da mídia, é possível se constituir e se perceber como comunidade a partir da comunicação e pode-se contribuir para o desenvolvimento de novas formas de se relacionar com o mundo e de percebê-lo.

A partir desses pressupostos básicos, foi desenvolvido o projeto de extensão “Reflexões Críticas sobre a Mídia no Processo de Educomunicação”, cujos objetivos versaram, principalmente, em: 1) oferecer, por meio de oficinas, subsídios técnicos para a elaboração de produtos educativos, que possibilitassem uma leitura crítica da mídia; 2) subsidiar os participantes para a leitura dos meios de comunicação e sua utilização em sala de aula.

As nove oficinas, assim, desdobraram-se em três grandes blocos temáticos: 1) introdução à comunicação e à educomunicação; 2) leitura crítica da mídia, comparação entre veículos e plataformas; e 3) projetos de atuação em sala de aula. A seguir, passamos a descrever essas atividades e os resultados obtidos, numa relação dialógica entre academia e comunidade, entre pesquisa e extensão universitária.

A PRÁTICA EDUCOMUNICATIVA NUMA ESCOLA PÚBLICA

Depois do contato oficial entre universidade e escola para sediar o projeto de extensão, nos primeiros encontros, realizados no horário de ATPC⁴, cerca de 15 professores compareceram e se comprometeram com as oficinas. Projetos pensados, mas não executados vieram à tona e dentro dos contornos de uma oficina, as ideias foram sendo trabalhadas a fim de acrescentar novas visões e soluções para os desafios que se apresentavam como problemas. Na verdade, via-se, na prática, o exposto por Dorigoni e Silva (2007):

Enquanto o mundo se apresenta cada vez mais aberto e com máquinas que lidam com o saber e com o imaginário, a escola ainda se estrutura em tempos e espaços pré-determinados, fechada e ignorando ou resistindo às inovações tecnológicas. Em decorrência da velocidade dos avanços tecnológicos e sua interferência (DORIGONI; SILVA 2007, p. 10)

Os participantes perceberam que os desafios da escola em refletir sobre os impactos causados pelos avanços tecnológicos no campo da comunicação e da informação, ao invadir

⁴ ATPC é a sigla para Atividades de Trabalho Pedagógico Coletivo. Refere-se a um horário, reservado na grade horária dos professores para atividades fora da sala de aula, como reuniões pedagógicas, espaços de formação, discussão e oficinas. São horas remuneradas e semanais.

a vida do homem, condicionando seu pensar, agir, sentir, e sua relação com o meio social trariam ganhos no processo de ensinar, comunicar e acima de tudo, corresponder às expectativas de um público novo, que embora habituados a consumos próprios da periferia se afetados por essa tecnologia.

Nas primeiras reuniões, foi-se capaz de abordar, por exemplo, a questão das novas plataformas digitais e a forma de propagar a ideologia daqueles que detêm o poder e o compromisso da escola pública em desmistificar as ideologias propagadas pela mídia:

O processo educativo deveria ser aquela instância que as pessoas se perguntam sobre a razão de serem como são, de como foram ou são plasmadas ou moldadas pelas inúmeras instituições – inclusive a mídia – e, num processo de libertação e autonomia, optem e escolham, pela reflexão e diálogo com os outros, o projeto que lhes convém. (GUARESCHI; BIZ, 2005 p. 24.)

Sob essa perspectiva, que se abre no campo educacional, indo do quadro de giz, da projeção da aula, do modelo em que o professor é detentor do conhecimento, à sala de aula informatizada ou on-line, notou-se que existe, ainda que em diferentes níveis, uma perplexidade, despertando insegurança frente aos desafios que representa a incorporação dos novos meios tecnológicos ao cotidiano escolar. Foram comuns frases como essa, de um professor de matemática, participante das oficinas: “Talvez sejamos ainda os mesmos professores, mas, certamente, esses alunos já não são os mesmos. Estão em outra, tiram foto das provas para repassar aos colegas, tiram fotos das notas boas para mostrar a mãe e não conseguem demonstrar mais os mesmos interesses.”

Os primeiros encontros revelaram ainda a fragmentação do conhecimento dos próprios professores, que tinham noção das novas mídias, mas ainda havia muita confusão a respeito de conceitos tais como plataforma, mídia, veículo e redes sociais digitais.

Quando estimulados a pensar sobre a representação do bairro na mídia, não foram raros os comentários sobre como o bairro e a escola eram retratados pela imprensa: “Sempre de forma negativa, como se todos que morassem ou vivem aqui fossem bandidos, traficantes de drogas ou favelados”, disse o professor de matemática. “Fizemos comparações entre os meios de comunicação. As ações do bairro e a escola sempre eram relegadas a uma pequena nota, ao contrário das ações negativas que quase sempre rendiam reportagens completas, tanto em jornal, TV, internet e rádio. Essas informações eram repassadas pelos alunos, baixando-lhes a estima, por meio das redes sociais.

As reflexões que se seguiram foram proveitosas, pois todos os participantes do projeto começaram a entender que eles também eram produtores de conteúdo e responsáveis pela divulgação de notícias e fatos. A ideia, então, de terem um blog e um site

ficou mais forte e, antes de uma proposta formal do autor deste texto para a produção, a questão surgiu quase naturalmente

Nas primeiras análises e discussões, a questão que mais veio à tona foi sobre a manipulação. Os professores queriam saber como reconhecer a manipulação e como ela estava vinculada a questões sociais, que poderiam fomentar preconceitos e colocar em risco a ética. O embasamento foi em textos do filósofo e linguista Avram Noam Chomsky.

Nessa oficina, o assunto que estava na mídia e redes sociais era a ascensão da jornalista que apresenta o quadro de meteorologia do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, Maria Julia Coutinho. Todos queriam saber se a presença dela no jornal de maior audiência era manipulação, para criar identidade, ou se “ela era boa demais para estar lá”, como colocou o professor de matemática. Com base no texto do Chomsky, a ideia era se a *Globo* tentava dizer que não era preconceituosa, mesmo tendo poucos negros em seus quadros de jornalistas ou mesmo em outros produtos, como as telenovelas.

Já logo após essa oficina, começaram a aparecer resultados na ação dos próprios professores participantes. Um deles, Edison Lins, apresentou no encontro seguinte um trabalho que, usando já as discussões das oficinas em vídeo e manipulação, com os alunos do terceiro ano do Ensino Médio, mostrou os efeitos do preconceito e manipulação sofrido e praticado pelos alunos dentro da própria escola. O vídeo de 15 minutos foi exibido na oficina com a presença dos alunos, que puderam falar também a mudança que o trabalho causou em sala de aula. O vídeo abordava que questões como preconceito e *bullying* faziam parte da dia a dia da escola, às vezes, de forma despercebida.

A partir do decorrer das oficinas, os professores ficaram curiosos sobre a forma de produção das notícias e os critérios de noticiabilidade e edição. Diante disso, criou-se a necessidade de uma visita a uma emissora de televisão e de um site. Foi, então, organizada uma visita a uma afiliada da *Rede Globo*, a *EPTV Campinas*, e ao site *G1 Campinas*. Após conhecerem estúdios, falarem com jornalistas e conhecerem as ferramentas de edição, os professores sentiam-se mais à vontade para abordar as questões que lhe eram prementes, como a manipulação.

Foi conhecendo a redação que puderam opinar e chegar a conclusões mais assertivas: “Professor, quando eles escolhem quais são as notícias do dia, há um processo de seleção e aí pode ocorrer a manipulação, não? Podem escolher um assunto e colocar mais reportagens só sobre aquilo” (Professor 1). “Dúlio, você acha que sempre tem a intenção de fazer um corte e um ângulo de câmera?” (Professor 2). “Por que sempre quem

tem autoridade encerra a reportagem?”. A partir da visita e das discussões, percebe-se que uma atitude de leitura crítica da mídia foi se formando naturalmente e imagens que ora apareciam, como “verdade”, “neutralidade” e “objetividade” foram questionados e discutidos nessa perspectiva dialógica, não como conceitos, mas como uma prática, uma experiência vivenciada.

É interessante perceber que, a partir das oficinas, as reflexões se tornaram mais constantes e os conhecimentos já estão sendo passados às salas de aula pelos professores participantes. Isso fica nítido, por exemplo, no e-mail que o coordenador pedagógico da escola enviou, reproduzido a seguir com os grifos do original:

Prof. Duílio, saudações

Já fiz contato com os professores participantes do projeto, sobre sábado. Muito obrigado pela oportunidade e pelo espaço aberto, pela motivação que traz, pelo que instiga, provoca, desafia. Quando a academia vai à escola pública... normalmente o faz com olhar meio que de "cima para baixo", do tipo: nossa professores, está tudo errado!!!, vocês estão fazendo tudo errado!!!. TEM QUE SER DESSE JEITO (O JEITO DO PESQUISADOR). Sua proposta está sendo de outra forma e está sendo bem construtivo, ricas discussões. Muito obrigado mesmo, a você e aos estagiários envolvidos. Grande abraço. Edison

No segundo semestre, já mais confiantes e com mais recursos para discussão, foi iniciado um trabalho de discussão focado nas novas tecnologias, grande preocupação dos participantes. Para exemplificar a discussão, o aluno bolsista de extensão, Lucas Eduardo Jerônimo, co-autor deste texto, selecionou um vídeo disponível no *YouTube*, desenvolvido e usado por um professor do ensino médio para ensinar uma difícil função na matemática. O vídeo continha uma paródia da música *Dark Horse*, da cantora estadunidense Katy Perry, escrita pelo professor e interpretada por um grupo de alunos para ensinar função quadrática, conteúdo de Ensino Médio, aos outros colegas.

Embora o uso de plataformas digitais em sala de aula ainda não fosse comum na Escola Estadual Professor Adalberto Prado e Silva, o grupo concluiu que era necessário dar passos nessa direção, na utilização dessas ferramentas no dia a dia docente, como forma de aproximar alunos e professores. O primeiro passo, então, foi a criação de um site e de um blog, ambos usando a plataforma gratuita Wix, que permite, com facilidade a elaboração de páginas. Os veículos, que passaram a servir como uma forma de comunicação entre professores, alunos e comunidade, divulgando notícias sobre a escola e sobre o próprio projeto de extensão estão em:

<http://proextpradoesilva.wix.com/escolapradoesilva>

<http://proextpradoesilva.wix.com/blogdoprofessor>

De certa forma, esses veículos também passaram a servir como uma maneira de difundir notícias positivas sobre o bairro, contribuindo para um discurso alternativo, já que a representação negativa da unidade escolar e seu entorno, desde o início, incomodava os participantes da oficina. Por fim, o grupo produziu uma cartilha com o passo a passo do projeto e com dicas, informações e propostas para o uso da mídia na escola e a leitura crítica da mídia. O material tem a finalidade não só de ser um registro, mas também de gerar multiplicadores, já que está disponível online, no site da escola citado há pouco.

A EXTENSÃO COMO PRODUÇÃO DE SABERES: ALGUNS RESULTADOS

Num processo de construção conjunta de saberes, próprio da extensão e abordagem em formato de oficina, não só os professores participantes do projeto alargam as fronteiras do conhecimento, com a criação de novos sentidos, mas isso também ocorre com a equipe da academia, no caso um professor e dois alunos bolsistas, que ultrapassa os muros da universidade, já que “os projetos de extensão baseados na concepção acadêmica objetivam relacionar os diversos saberes, em uma íntima relação da produção do conhecimento com a realidade social” (JENIZE, 2004, [s.p]).

O interesse dos participantes em produzir o blog e o site, que não estavam previstos nos objetivos iniciais do projeto, mostra a disposição e entusiasmo com a aprendizagem de práticas educacionais. Por conta própria, sem que fosse reservado um espaço para isso nas oficinas, os professores participantes pediram ajuda aos bolsistas para que os auxiliassem a ter ferramentas de comunicação como aos dos alunos, que julgavam estar “na frente” em termos de conhecimento de tecnologia.

A princípio, as preocupações dos professores detinham-se na criação de sites, blogs ou páginas em redes sociais digitais, como o *Facebook*, para compartilhar materiais e produzir momentos de interatividade nas próprias aulas, já que a maioria dos alunos possui bons aparelhos celulares, capazes de acesso à internet, na sala de aula. Sabe-se que se trata de algo ainda muito pequeno, incipiente, perto de tudo o que pode ser feito na área de educação, mas é o primeiro passo para uma atualização de métodos pedagógicos e a inclusão da discussão sobre a mídia na escola, uma discussão que já tem bons anos, mas que, na unidade em questão, ainda engatinhava.

Dessa forma, podemos pensar na educação como um agregador, mas que exige uma discussão sobre seus usos, sua ética e sua capacidade de replicabilidade. Ormanze e Fabbri Júnior (2015) colocam que um dos papéis centrais da escola passa a ser,

portanto, a preparação para lidar com a multiplicidade de discursos e informações que chegam todos os dias, pelos mais diversos dispositivos. “As tecnologias não são neutras, mas constituem hoje enclaves de condensação e interação de mediações sociais, conflitos simbólicos e interesses econômicos e políticos, pelo que elas fazem decisivamente parte das novas condições de narrar” (MARTIN-BARBERO, 2014, p. 111). Assim, os encontros também foram momentos para discutir essas questões tão importantes quanto à adoção das tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dada a importância do fenômeno comunicacional na sociedade e sob o aspecto e a pressão do acelerado processo tecnológico que abrange os setores da convivência humana, é fundamental que a escola esteja nesse contexto social e adequada à temporalidade em que se constitui, uma vez que faz parte desse mecanismo social, para que, assim, situe-se na dinâmica dos novos processos de ensino e aprendizagem colaborativa, com o uso da internet como mecanismo de desenvolvimento, de criticidade.

Essa construção está nas mãos dos professores participantes e o legado deixado depois das atividades e oficinas, como a confecção de cartilha, site da escola e o blog, está na capacidade de reprodução e comprometimento com a formação continuada e a melhoria dos processos educativos, atualizando-os. Quando a academia vai à escola, para aproveitar trecho de depoimento do professor, reproduzido páginas antes neste texto, os conhecimentos se cruzam e a prática científica, as teorias e as propostas são checadas e comprovadas, promovendo também novas reflexões teóricas. Assim, comprova-se, mais uma vez, o forte potencial da educomunicação como método e conceito para as atividades de extensão universitária.

Afinal, esses comportamentos adquiridos de criticidade, de inovação e acesso são uns dos principais objetivos da extensão, que promove melhoria na qualidade de vida das pessoas participantes. Trata-se de um progresso da academia com as comunidades e demonstra o caráter prático que devem ter a pesquisa e o estudo da educomunicação, principalmente no Brasil, país com tantas carências educacionais.

REFERÊNCIAS

BASTOS, M. T. A. Do sentido à mediação: às margens do pensamento de Jesús Martín-Barbero. **Famecos**. Porto Alegre, n. 35, 2008, p. 86-89. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/view/5369/4888>. Acesso em: 17 out. 2014.

DORIGONI, G. M. L.; SILVA, J. C. Mídia e Educação: o uso das novas tecnologias no espaço escolar. **Dia a dia da Educação**, 2007. Disponível em: <http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1170-2.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2016.

GUARESCHI, P. A.; BIZ, O. **Mídia, Educação e Cidadania**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

JENIZE, E. As práticas curriculares e a extensão universitária. **Anais do 2º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Belo Horizonte, 2004. Disponível em: <https://www.ufmg.br/congrext/Gestao/Gestao12.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MIRANDA, F. Cinema e produção de vídeo na escola: da prática à análise de questões pedagógicas sobre o ensino da linguagem audiovisual. In: PAVANI, C.; PARENTE, C.; ORMANEZE, F. (orgs.). **Educomunicação, redes sociais e interatividade**. Campinas: Leitura Crítica, 2013, p. 75-94.

ORMANEZE, F. Educomunicação, comunicação comunitária e jornalismo literário: três teorias e algumas propostas em um projeto de extensão. **Revista Linha Mestra**. Unicamp: ALB, v. 1, n. 25, jul/dez 2014, p. 36-52.

_____; FABBRI JUNIOR, D. Educomunicação como fundamento em projetos de extensão: processos midiáticos com alunos e professores. In: X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã, 2015, Bauru. **Anais da X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã e V Conferência Sul-Americana de Mídia Cidadã**. Bauru: Faac Unesp, 2015. v. 1. p. 1-15.